

HISTORIA CRÍTICA

Chamada

A *Historia Crítica*, revista da Faculdade de Ciências Sociais da Universidad de los Andes (Bogotá, Colômbia), anuncia a chamada para o dossiê

“A experiência intelectual negra nas Américas, séculos XIX-XX”,

que contará com a participação de Surya Aaronovich Pombo de Barros (Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba) e Juan David Murillo Sandoval (Instituto Caro y Cuervo).

Os artigos serão recebidos de
15 de fevereiro a 15 de março de 2027.

Previsão de publicação:
janeiro de 2028.

Os efeitos da diáspora africana na configuração das Américas deram lugar a uma ampla agenda de pesquisa histórica. Nesse contexto, Lélia Gonzalez (1935-1994) formulou o conceito de “amefricanidade” para destacar as experiências compartilhadas pelas populações negras e indígenas na região e questionar as narrativas que invisibilizam o racismo e suas persistências históricas. Sua proposta reivindicava o caráter multirracial e pluricultural das sociedades americanas e contribuiu para impulsionar novas perspectivas para o estudo das experiências afrodescendentes nas Américas.

Em diálogo com essas preocupações, as pesquisas nas Ciências Sociais e Humanas consolidaram uma agenda diversificada em torno das relações raciais, que aborda fenômenos como a ideologia do branqueamento, o privilégio branco, o racismo estrutural e as desigualdades de classe e gênero. No interior dessa produção, a historiografia recente tem dedicado especial atenção ao protagonismo da população afrodescendente na defesa da liberdade, nos debates sobre cidadania, na construção de redes diaspóricas e na mobilização política. Para compreender essas trajetórias individuais e coletivas, a categoria de *intelectuais negros* adquiriu centralidade analítica.

Essa discussão ganhou impulso significativo nos países americanos com maior presença demográfica afrodescendente. Assim, um sólido movimento historiográfico passou a reconhecer esse segmento como sujeito ativo da educação, da escola e da cultura letrada, contribuindo para superar o viés racista que separava a população negra do universo intelectual. Em países como Brasil, Colômbia, Cuba, Estados Unidos, Haiti, Panamá e Peru, diversos pesquisadores têm contribuído para reconstruir as trajetórias de intelectuais afrodescendentes. Esses homens e mulheres atuaram como docentes, jornalistas, poetas, romancistas, editores, advogados, médicos, músicos, cientistas, engenheiros e ativistas. Trata-se de indivíduos e redes de pessoas negras que debateram sobre a abolição da escravidão, o papel dos negros na

sociedade e o desenvolvimento nacional, deixando um vasto e diversificado legado escrito. Embora suas contribuições intelectuais sejam notáveis por si mesmas, elas adquirem caráter excepcional por terem sido forjadas em sociedades profundamente racializadas e racistas, como as que compõem a América.

Portanto, a definição de intelectual subjacente a esta proposta não se restringe às esferas eruditas ou profissionais. Ao contrário, reconhece, no exercício intelectual, uma prática pública e mediadora, identificável em dimensões como a intervenção crítica, a produção e circulação de saberes, a construção de espaços e redes de sociabilidade e o engajamento político. A proposta privilegia a categoria de “intelectuais mediadores”¹, que complexifica a noção tradicional de intelectual ao reconhecer o caráter criativo, político e pedagógico daqueles que difundem, traduzem, fazem circular e reelaboram saberes e bens culturais. Essa perspectiva permite valorizar a intervenção de atores historicamente subalternizados, como as mulheres negras e os produtores de cultura popular, cujas contribuições metodológicas e teóricas foram sistematicamente negligenciadas.

Nesse sentido, o exame da intelectualidade negra, por meio da reconstrução de biografias, redes de sociabilidade e trajetórias de mobilidade, permite compreender a participação das populações afrodescendentes nos processos de expansão educacional e cultural das sociedades americanas. A proposta do dossiê justifica-se pela necessidade de mapear e difundir a agência teórica e política do pensamento negro nas Américas durante os séculos XIX e XX. Esse recorte temporal delimita um período crucial, iniciado com a independência do Haiti, em 1804, e posteriormente marcado pelos debates em torno das leis de abolição da escravidão, da transição para o trabalho livre e da consolidação de Estados nacionais em que o racismo foi instituído como política de exclusão. Ao mesmo tempo, abrange processos de dimensão global e transatlântica, como a descolonização africana e asiática, o internacionalismo negro, as relações de cooperação entre países latino-americanos e africanos e a Guerra Fria. Longe de serem espectadores passivos, os intelectuais negros participaram da produção de análises críticas fundamentais sobre esses processos e desafiaram as narrativas deterministas e excludentes da modernidade.

Esta chamada responde também a uma lacuna no campo historiográfico, evidenciada na escassa presença de números temáticos dedicados ao mundo intelectual negro na última década. Assim, o número especial proposto busca oferecer uma contribuição crítica e renovadora capaz de reunir pesquisas recentes nos campos da história intelectual, da história social e da história da educação. Ao mesmo tempo, pretende promover uma compreensão histórica complexa das experiências intelectuais afrodescendentes, considerando tanto suas contribuições e formas de agência quanto as tensões, disputas e desigualdades que atravessaram suas trajetórias individuais e coletivas. Nesse sentido, convidam-se pesquisadores a submeter resultados de pesquisas históricas sobre intelectuais negros e afrodescendentes (incluindo denominações históricas como mestiços, mulatos, entre outras), cuja atuação tenha se desenvolvido entre o início do século XIX e o final do século XX.

As propostas poderão abordar, entre outros, os temas a seguir.

- Itinerários biográficos de sujeitos específicos.
- Famílias intelectuais negras.
- Intelectuais negras e perspectivas de gênero.
- Intelectuais mediadores: livreiros, tipógrafos, editores, jornalistas e bibliotecários.
- Circulação de saberes e espaços públicos de intervenção intelectual.
- Redes sociais, associações, congressos e agrupamentos intelectuais.
- Perspectivas transnacionais, histórias conectadas e internacionalismo negro.
- Intelectualidade negra e educação (população estudantil, docência e epistemologias).

1 Ângela de Castro Gomes e Patricia Santos Hansen (orgs.), *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016).